

**ESCOLA SUPERIOR ABERTA DO BRASIL – ESAB  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICO-INSTITUCIONAL**

**IVONE ALVINO DE BARROS GOMES**

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS**

**BRASÍLIA - DF**

**2010**

**IVONE ALVINO DE BARROS GOMES**

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS**

Monografia apresentada à ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, sob orientação da Professora Mestre Lucia de Fátima Assis Rocha.

**BRASÍLIA - DF**

**2010**

**IVONE ALVINO DE BARROS GOMES**

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS**

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

---

---

---

**BRASÍLIA - DF**

**2010**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus. Ao meu marido Paulo e as minhas filhas Rafaela e Gabriela que são a razão do meu viver.

“Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo.”

*(Paulo Freire)*

## RESUMO

Este trabalho discute a importância do professor no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com dificuldade de aprendizagem. Para isso analisei vários autores, educadores e estudiosos do assunto e que se preocupam com a importância de um profissional mais qualificado para identificar essas dificuldades. Verifica-se a importância do professor como mediador para ajudar os alunos a terem uma formação eficaz e sadia através do preparo do docente que interagindo juntamente com o psicopedagogo e a família, possam identificar as barreiras no processo ensino-aprendizagem e assim traçarem um plano eficaz. Através dessa reflexão é possível discutir soluções e oferecer propostas que possam ajudar o trabalho docente com a ajuda da família e do psicopedagogo, que é o profissional preparado para identificar e orientar nas soluções de ajuda ao aluno que precisa enfrentar suas dificuldades.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO I – O PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>11</b>
I.1 APRENDIZAGEM – DEFINIÇÃO E CONCEPÇÕES.....	11
I.2 APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DE 6 A 7 ANOS DE IDADE.....	13
I.3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	18
<b>CAPÍTULO II – APRENDIZAGEM E AS METODOLOGIAS.....</b>	<b>22</b>
II.1 METODOLOGIAS QUE FACILITAM A APRENDIZAGEM.....	22
II.2 O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR NA APRENDIZAGEM.....	28
II.2.1 Formação continuada do professor.....	32
<b>CAPÍTULO III – PSICOPEDAGOGO, PROFESSOR E FAMÍLIA – INTERAÇÃO EM BUSCA DE UMA APRENDIZAGEM.....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>48</b>

## **INTRODUÇÃO:** Dificuldade de aprendizagem, metodologia, psicopedagogia.

A Dificuldade de Aprendizagem é um problema que está presente em todo meio educacional e quando as Dificuldades não são identificadas, acaba se tornando um peso para muitas crianças e adolescentes. Uma vez que a Dificuldade não é diagnosticada a criança é taxada de preguiçosa e outros adjetivos negativos. “A criança que se esforça mas não consegue obter êxito escolar é, frequentemente, rotulada de ‘lenta’, ‘preguiçosa’ e ‘burra’. Isto pode lhe causar danos.” (GUERRA, 2002, p.15)

Muitos alunos sentem dificuldades no momento de aprender algo e quando esses obstáculos não são identificados e procurados, de alguma forma, a serem sanados, acabam virando uma bola de neve. Segundo Furtado (2007, p. 03):

Quando a aprendizagem não se desenvolve conforme o esperado para a criança, para os pais e para a escola ocorre a "dificuldade de aprendizagem". E antes que a "bola de neve" se desenvolva é necessário a identificação do problema, esforço, compreensão, colaboração e flexibilização de todas as partes envolvidas no processo: criança, pais, professores e orientadores. O que vemos são crianças desmotivadas, pais frustrados pressionando a criança e a escola.

Ainda sobre a Dificuldade de Aprendizagem, segundo Fonseca (apud Ferreira, 2008, p. 140) é:

Um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático. Tais desordens, consideradas intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, podem ocorrer durante toda a vida. Problemas de auto-regulação do comportamento, na percepção social e interação social podem existir com as DA's [Dificuldades de Aprendizagem]. Apesar das DA's ocorrerem com outras deficiências (por exemplo, deficiência sensorial, deficiência mental, distúrbios socioemocionais) ou com influências extrínsecas (por exemplo, diferenças culturais, insuficiente ou inadequada ou inapropriada instrução, etc.), elas não são o resultado dessas condições.”

Como o professor deverá adequar as suas aulas com metodologias que facilitem a aprendizagem? Como proporcionar essa aprendizagem de uma forma sadia e agradável? Acredito que isso dependa do interesse da docência e da ajuda família

em observar as dificuldades que estão interferindo no processo ensino/aprendizagem. O professor como mediador, deve observar, analisar e procurar formas que motivem o aluno a sentir prazer em estar neste processo.

O problema da pesquisa é verificar qual a metodologia mais adequada para facilitação do processo de aprendizagem de alunos com dificuldades nas séries iniciais.

A escolha do tema foi por conta da dificuldade de aprendizagem da pesquisadora, pois a mesma não tinha o apoio dos educadores e da família em observar e identificar suas dificuldades. Os professores não tinham muito interesse e nem preocupação em ajudar o aluno, eles estavam ali somente para cumprir o seu horário e desenvolver as atividades que tinham que ser passadas naquele momento. Eram extremamente mecânicos e cumpriam suas atividades no horário determinado e viviam como se a criança não existisse. Segundo Gomes (2006, p, 134):

A esperada escola de qualidade incide em posicionamentos políticos, institucionais e pessoais mais democráticos e exige cada vez mais que as instituições escolares sejam capazes de se especializarem nos estilos de aprendizagem de todos os alunos.

O objetivo geral da pesquisa é analisar as metodologias da aprendizagem visando identificar as mais adequadas aos alunos com dificuldades nas séries iniciais.

Pretendemos, através deste trabalho, estudar as metodologias que motivam a aprendizagem, identificar a importância do professor como mediador nesse processo de ensino/aprendizagem e demonstrar a importância do Psicopedagogo na interação com o professor e a família na identificação da metodologia mais eficaz.

Muitos pesquisadores e estudiosos propuseram inovações que ajudariam aos professores desenvolverem atividades que motivem os alunos a estarem ali, naquele convívio com outros alunos. Porque a aprendizagem não se referente somente a matérias, mas é também o relacionamento, o respeito ao próximo, o convívio familiar, a partilha, o trabalho em grupo, enfim, a compreensão de que todos nós precisamos uns dos outros.

O mundo passa por transformações diárias, onde a tecnologia avança e todos podem ter acesso muito rápido a informações. E por que não atualizar a educação dando-lhe uma feição dialogal, ajudando o aluno e professor, protagonistas deste processo, a aprender e ensinar com prazer?

Neste trabalho a metodologia será uma pesquisa bibliográfica, através de coletas de informações, conceitos e dados em livros, pois esta proporciona a verificação e o estudo de vários autores que buscaram e buscam esta transformação positiva. “A pesquisa bibliográfica é realizada em documentos escritos. Com ela se objetiva recolher e analisar as contribuições teóricas sobre um assunto ou uma temática interessante.” DMITRUK (2001, p. 58). A experiência de vida da pesquisadora também será de grande importância, pois teve muitas dificuldades na educação escolar, porque os professores não tinham preparo nem paciência de identificar os medos e obstáculos em relação à aprendizagem.

Esperamos desenvolver um trabalho que possa ajudar a nossa educação através do professor, e principalmente o aluno que é o ator principal de processo de ensino/aprendizagem.

## CAPÍTULO I – O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

### I.1 APRENDIZAGEM – DEFINIÇÃO E CONCEPÇÕES

Aprendizagem é a maneira pela qual se tem uma mudança de comportamento, obtida através de experiências construídas por vários fatores, como por exemplo, o emocional, o neurológico, os relacionamentos e o ambiente em que se está inserido, e o professor é essencial neste processo de aprendizagem dos alunos. Aprender é um confronto com a realidade. Segundo Antunes (2008, p. 32):

Aprender é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sociais existentes.

É adquirir novos conhecimentos onde exista uma transformação de pensamentos e atitudes. Segundo Alves (2007, p. 18):

O processo de aprendizagem traduz a maneira como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Trata-se de um processo complexo que, dificilmente, pode ser explicado apenas através de recortes do todo.

No contexto da aprendizagem, o conhecimento é contínuo e estamos sempre aprendendo. O conceito de aprendizagem vem se modificando, uma vez que os tradicionalistas acreditavam que ao se jogar informações, ao se decorar a criança estaria aprendendo. Segundo Antunes (2008, p.32):

Tempos atrás, quando o eixo da escolaridade se centralizava no professor e ao aluno outra atividade não se esperava que a de ouvi-lo e reter suas informações ou suas instruções, todos sabiam que aprender era um processo através do qual se acessava um saber exterior ao sujeito, saber esse que poderia ser uma informação ou uma instrução.

Ainda segundo Antunes (2008, p. 32):

Não é difícil perceber que o conceito sofreu mudanças significativas, ainda que não se tenha buscado palavras novas para a nova aprendizagem que a escola atual busca desenvolver. Surge então um conflito: continuar usando a definição tradicional de aprendizagem para informações ou instruções e procurar novas palavras para expressar a aprendizagem verdadeira que o professor verdadeiro busca produzir.

É necessário que se dê a oportunidade de aprendizagem, um ambiente propício, o estímulo. Segundo Johnson & Myklebust (1987, apud GUERRA, 2002, p. 40):

[...] as crianças aprendem quando recebem oportunidades adequadas para tanto e quando estão presentes determinadas integridades representadas pelos fatores psicológicos, funções do sistema nervoso periférico e funções do sistema nervoso central.

Johnson & Myklebust (1987, apud GUERRA, 2002, p. 42) classifica a aprendizagem em diferentes níveis que são: a sensação, a percepção, a imagem, a simbolização e a conceitualização.

Segundo Johnson & Myklebust (1987, apud GUERRA, 2002, p. 39 – 40):

A **sensação** se refere somente à ativação de estruturas sensoriais neurais. A **percepção** é o processo através do qual o sistema nervoso central inicia o processo cognitivo, envolvendo funções de pré-reconhecimento, como a discriminação e a identificação, e de reconhecimento, como a análise e a síntese. [...] A **imagem** é o processo que diferencia a percepção da memória. Permite reconstruir, lembrar e relembrar a informação sensorial anterior. [...] A **simbolização** é o processo humano por excelência, visto ser o símbolo o verdadeiro produto mental que permite simplificar, reexperimentar e representar interiormente a experiência. O símbolo constitui um processo concreto para expressar o pensamento, por isso a criança começa por usar os objetos de uma forma inteligível e não-verbal e, só mais tarde, interioriza a palavra (linguagem interior) depois de a ter compreendido, para, finalmente, não só manipular os objetos como também os nomear e identificar. [...] A **conceitualização** é o nível mais elevado do processo cognitivo, incluindo todos os processos de classificação e categorização da informação. Através desse sistema, atinge-se a generalização por processos de agrupamento de características e de atributos, com os quais se atinge a abstração e o pensamento formal.

O processo de aprendizagem é constituído por diversos fatores que determina se o indivíduo aprendeu, observando o seu desempenho antes e depois da situação dada para a aprendizagem. Segundo Furtado e Borges (2007, p. 76)

Infere-se que a aprendizagem se realiza quando surgem diferenças entre a performance que o indivíduo apresenta antes e que ele mostra após ser colocado em “situação de aprendizagem”. A simples presença da performance não permite concluir que a aprendizagem ocorreu, para que isso aconteça, é necessário provar que houve mudança de performance. A incapacidade de aferir a performance antes de realizar-se a aprendizagem deve ser levada em conta, assim como a capacidade de fazê-lo depois.

## I.2 APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DE 6 A 7 ANOS DE IDADE

A Aprendizagem trará o conhecimento e a criança terá a oportunidade de se transformar em um ser mais autônomo, pensante, independente e protagonista de sua própria história, onde possa ser respeitado e capaz de dar a sua opinião a favor ou contra algo, embasado em sua história de vida e naquilo que acredita ser verdadeiro e essencial. Por isso é de grande importância um desenvolvimento sadio e que propicie uma aprendizagem de qualidade e com saúde. Segundo Barbosa (2008, p. 13)

É principalmente por meio do seu desenvolvimento motor que a criança deixa de ser a criatura frágil da primeira infância e se transforma numa pessoa livre e independente do auxílio alheio. As atividades motoras desempenham também um papel importantíssimo em muitas das suas primeiras iniciativas intelectuais, enquanto explora o mundo que a rodeia, com os olhos e com as mãos, fornecendo-lhe também os meios pelos quais fará grande parte dos seus contactos sociais com outras crianças.

Ao falarmos de aprendizagem de criança de 6 a 7 anos não podemos deixar de citar Piaget, Vygotsky e Wallom. Primeiramente temos que observar que Piaget e Vygotsky, apesar de terem algumas diferenças em seus pensamentos, também tiveram muitas coisas em comum, como por exemplo, acreditavam que a criança é um ser ativo, pensante e atento. Algumas diferenças podemos citar com relação aos fatores externos e internos, onde Piaget acreditava nos fatores biológicos e Vygotsky no ambiente social em que a criança nasceu. Segundo Guerra (2002, p. 92):

Vygotsky observa que a psicologia muito deve a Piaget, pois Piaget revolucionou o estudo da linguagem e do pensamento das crianças, desenvolvendo o método clínico de investigação das ideias infantis, concentrando-se nas características distintivas do pensamento das crianças, naquilo que elas têm, e não naquilo que lhes falta, utilizando uma abordagem positiva, demonstrando que a diferença entre o pensamento infantil e o pensamento adulto era mais qualitativa do que quantitativa.

Conforme Antunes (2008), para Jean Piaget a aprendizagem não acontece através de conhecimentos prontos, onde o professor fala e o aluno escuta. Mesmo não sendo pedagogo e nunca tendo falado em “construtivismo”, ou mesmo se preocupado em fazer qualquer método de ensino, ele teve muitos seguidores, como Emília Ferreiro, que teve um papel muito importante para a educação, pois introduziu o essencial piagetiano em suas obras. Segundo Guerra (2002, p. 95)

Emilia Ferreiro introduziu o essencial piagetiano em suas próprias teorias. A concepção teórica piagetiana, de uma aquisição do conhecimento baseada na atividade do sujeito em interação com o objeto do conhecimento, aparece também como sendo o ponto de partida necessário para o estudo da criança confrontada com o objeto cultural que se constitui a escrita.

Para Piaget a aprendizagem acontece quando o aluno faz parte e participa ativamente, ou seja, uma aprendizagem construtivista e não um aprender mecânico. Segundo Antunes (2008, p. 157):

O construtivismo é uma corrente educacional apoiada no princípio de que o conhecimento que conquistamos não é algo que venha de fora, passando de uma pessoa a outra ou adquirido através de uma leitura, mas sim estimulando a partir de experiências quando das mesmas participamos ativamente, buscando conhecer e, assim, experimentando, pesquisando, refletindo.

Piaget é autor de obras que ajudaram muitos estudiosos em psicologia e educação. Segundo Antunes (2008, p. 157):

[...] Piaget sempre buscou averiguar como se constrói o pensamento e explicar o desenvolvimento da inteligência humana. Não é, entretanto, difícil

associar a obra de Piaget ao construtivismo, pois em inúmeros pontos essa relação se identifica.

Conforme Guerra (2002), para Piaget a linguagem é o veículo da simbolização. E cada faixa etária tem uma forma de interação, onde ele acredita que existem quatro períodos distintos. Mas somente iremos destacar dois onde estão incluídos as crianças de 6 a 7 anos.

Segundo Guerra (2002, p. 94) estes períodos são:

Período Pré-operatório (dois a seis anos): aos dois anos, a criança estará desenvolvendo ativamente a linguagem, ocorrendo as primeiras representações mentais. A linguagem infantil não é um instrumento de comunicação, pois a criança fala para si mesma (fala egocêntrica). À medida que a criança vai crescendo, a evolução da linguagem se dá no sentido de uma maior socialização. Período operacional concreto (sete a onze/doze anos): Este período que corresponde praticamente à idade escolar será marcado por grandes aquisições intelectuais; acentuado declínio da linguagem egocêntrica até seu completo desaparecimento; declínio do egocentrismo intelectual e um crescente incremento do pensamento lógico; as ações físicas passam a ser internalizadas, passam a ocorrer mentalmente.

Segundo Barbosa (2008) a idade de 6 a 7 anos é o momento da descoberta e caracterizada como a fase do Movimento Fundamental, onde suas habilidades motoras começam a se desenvolver. Essa fase possui 3 estágios.

Conforme Barbosa (2008, p. 16 – 17) estes estágios são:

Estágio inicial representa a primeira tentativa de meta orientada da criança. Durante esse estágio, a orientação espacial e temporal do movimento é pobre, marcada pelo uso restrito ou exagerada do corpo com pouca coordenação e ritmo. Estágio Elementar envolve um maior controle e coordenação rítmica dos movimentos fundamentais e melhor orientação temporal e espacial. Estágio Maduro, é caracterizado pela eficiência mecânica, coordenação e execuções controladas dos movimentos fundamentais.

Já Vigotsky acreditava na transformação intelectual de fora para dentro, do externo para o interno e que o pensamento e a linguagem são diferentes.

Para Vygotsky (1996, apud Guerra, 2002, p. 92):

[...] pensamento e linguagem têm raízes diferentes, sendo que a linguagem não é uma simples continuação do pensamento; há um estágio pré-linguístico no desenvolvimento do pensamento e um estágio pré-intelectual no desenvolvimento da fala e, por algum tempo, esses processos se desenvolvem independentemente; contudo, durante o desenvolvimento, há um encontro entre o pensamento e a fala, quando o pensamento se torna verbal e a fala racional.

Para Vigotski a criança está em constante interação com o adulto, desde o seu nascimento, mediando sua relação com o mundo e passando sua cultura. Segundo Rego (2001, p. 59):

Desde o nascimento, o bebê está em constante interação com os adultos, que não só asseguram sua sobrevivência mas também medeiam a sua relação com o mundo. Os adultos procuram incorporar as crianças à sua cultura, atribuindo significado às condutas e aos objetos culturais que se formaram ao longo da história.

As crianças carregam experiências do convívio com a família. “O comportamento da criança recebe influências dos costumes e objetos de sua cultura, como por exemplo em nossa cultura urbana ocidental, dorme no berço, usa roupas para se aquecer e, mais tarde, talheres para comer, sapatos para andar etc.” (REGO, 2001, p. 59).

Piaget não acreditava no papel da interação social e que a aprendizagem e desenvolvimento não estão relacionados, pois a criança antes mesmo de falar já pensa e a linguagem é somente um meio de comunicação. Ao contrário, Vygotsky acreditava que desenvolvimento e aprendizagem são processos que se influenciam e estão ligados entre si, de modo que, quanto mais aprendizagem, mais desenvolvimento. Segundo Guerra (2002, p. 92):

Ao abordar o desenvolvimento lingüístico das crianças, Vygotsky desenvolve o seu tema relacionado à interiorização do diálogo em fala interior e pensamento, opondo seu ponto de vista ao estágio adotado por Piaget, que considerava o desenvolvimento da fala como a supressão do egocentrismo.

Henri Wallon, psicólogo e filósofo francês, acreditava que o desenvolvimento intelectual é muito mais do que usar o cérebro. As suas ideias foram fundamentadas em quatro elementos básicos que estão interligados, que é a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. Segundo Silva (2007, p. 01):

Henri Wallon, filósofo, médico e psicólogo francês, contribuiu para a psicologia não apenas com uma teoria da emoção ou ainda com suas discussões e divergências com Jean Piaget. Dentre suas contribuições pouco discutidas estão sua teoria sobre a inteligência, suas discussões sobre a origem e o desenvolvimento do pensamento discursivo nas crianças e, talvez menos conhecidas, suas reflexões e proposições sobre a transição entre uma inteligência sensório-motora (caracterizada pela capacidade de resolver problemas práticos, mas sem o auxílio da reflexão) e uma outra, inteligência discursiva (caracterizada pela utilização e intermediação dos símbolos e representações)

Wallon retratava o desenvolvimento do “eu” e o papel da emoção. Segundo Silva (2007, p. 07):

Wallon irá descrever o que vem a ser o estágio do espelho, momento do desenvolvimento infantil, por volta dos três anos, em que a criança constrói uma imagem externa, um esquema corporal de si. O *eu* não é um dado original ou inicial na psicologia humana, senão o fruto de uma longa trajetória, repleta de momentos críticos ou crises. Mas, para Wallon, tais crises não são vistas como necessariamente negativas, ao contrário, são momentos indispensáveis para a constituição da personalidade.

Segundo Silva (2007), no ano de 1941, Wallon publicou um dos seus mais importantes livros: A evolução psicológica da criança; onde estão as fases do desenvolvimento propostas por ele.

Segundo Silva (2007, p. 8-9) as fases do desenvolvimento propostas por Wallon são:

Estágio impulsivo-emocional (0 a 1 ano), Estágio sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos), Estágio do personalismo (3 a 6/7 anos), Estágio categorial (7 a 11 anos) [e] Estágio da adolescência (12 a 18 anos), [...] neste livro que Wallon indicará que a transição entre esses diferentes estágios se dá por mecanismos de alternância e preponderância funcional, entre fases com ênfase nos aspectos emocionais e outras com ênfase cognitiva. Ou seja, inicialmente, no decorrer do desenvolvimento, a criança irá dispor apenas dos seus movimentos e de seu comportamento emocional para interagir com seu meio.

Para Wallon o diálogo é de grande importância para o desenvolvimento da criança de 5 a 12 anos. Segundo Silva (2007, p. 14):

As origens do pensamento na criança, [livro publicado em 1945], no qual Wallon dedica-se à criança de 5 a 12 anos – Aqui, Wallon quer explicar como se desenvolve o pensamento verbal. O pensamento é entendido como um conjunto. Inicialmente, resume-se ao “par” para, mais tarde, tornar-se o conceito. É o relacionamento dialético entre os dois elementos do par, o comunicar algo para alguém.

Ainda conforme Silva (2007, p. 17):

Para Wallon, desse modo, a passagem entre a inteligência sensório-motora e o pensamento simbólico se dá pela transformação e complexificação do ato motor, que se vê opondo-se a uma outra função: a representação. A representação é garantida pela função simbólica, mas só é desenvolvida no contexto social, uma vez que nasceu, no decorrer da filogenia da espécie, justamente como forma de contato entre os membros de uma comunidade.

Enfim, para Vygotsky a aprendizagem através do relacionamento social, contribuirá para uma construção dos conhecimentos que darão suporte ao desenvolvimento mental. Para Wallon a linguagem se torna indispensável ao progresso do pensamento, porque ela exprime e atua como estruturadora do mesmo. E para Piaget existem estágios para o desenvolvimento da aprendizagem e o professor deve conhecê-los e respeitar esses estágios.

### I.3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A Dificuldade de Aprendizagem é um termo bastante debatido no campo educacional, porque quando uma criança desenvolve atividades positivas em sala de aula ela é elogiada, tem uma auto-estima elevada. Mas quando se percebe que a criança não está tendo a aprendizagem, então todos procuram de alguma forma descobrir o motivo deste empecilho ou mesmo arrumar uma resposta, qualquer que seja, mesmo que negativa. É neste momento que muitas crianças são taxadas de preguiçosa, agitada e lerdas.

É importante saber que as Dificuldades podem ocorrer por motivos orgânicos e emocionais. Por isso é necessário a identificação para que seja desenvolvido um trabalho educacional no intuito de ajudar. “A Dificuldade de Aprendizagem é uma síndrome bio-psicossocial a ser compreendida em pelo menos três constituintes

básicas: a criança, a família e a escola” MARTURANO (1993, apud FURTADO e BORGES, 2007, p.3):

As DAs mas conhecidas são a Dislexia, a Disgrafia, a Discalculia, a Dislalia, a Disortografia e o TDH ( Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Segundo Guerra (2002, p. 79):

As dificuldades de aprendizagem podem ocorrer junto com outras síndromes clínicas (como transtorno de déficit de atenção ou transtorno de conduta) ou outros transtornos do desenvolvimento (como transtorno específico do desenvolvimento da função motora ou transtornos específicos do desenvolvimento da fala e linguagem)

A Dislexia é uma DA da leitura onde existe uma dificuldade na compreensão de textos escritos. De acordo com Nicasio Garcia (1997 apud GUERRA, 2002, p. 46) a dislexia:

[...] é definida devido à presença de um déficit no desenvolvimento do raciocínio do reconhecimento e compreensão dos textos escritos. Este transtorno não é devido a retardo mental, a uma escolarização inadequada ou escassa, a um déficit visual ou auditivo, a um problema neurológico. Somente se classifica como tal caso produza uma alteração relevante no entendimento acadêmico ou na vida cotidiana. Caracteriza-se por uma leitura oral lenta, com omissões, distorções e substituição de palavras, com paradas, correções e bloqueios, ocorrendo também um transtorno de compreensão da leitura.

A Disgrafia é representada pelas dificuldades de escrita. Neste caso engloba somente um problema de motricidade. Segundo Furtado e Borges (2007, p. 141):

É a dificuldade em passar para a escrita o estímulo visual da palavra impressa. Caracteriza-se pelo lento traçado das letras, que em geral são ilegíveis. A criança disgráfica não é portadora de defeito visual nem motor, e tampouco de qualquer comprometimento intelectual ou neurológico. No entanto, ela não consegue idealizar no plano motor o que captou no plano visual. Existem vários níveis de disgrafia, desde a incapacidade de segurar um lápis ou de traçar uma linha, até a apresentada por crianças que são capazes de fazer desenhos simples mas não de copiar figuras ou palavras mais complexas.

Cabe ao professor e a família observar os alunos e os encaminhar a um profissional qualificado no intuito de diagnosticar e procurar trabalhar e promover uma melhora nessas Dificuldades. Não cabe ao professor taxar o aluno de qualquer adjetivo negativo, mas de incentivá-lo e trabalhar de forma motivadora e mediadora.

Uma dificuldade da matemática é a discalculia. Essa dificuldade interfere muito no desenvolvimento escolar ou na vida cotidiana, quando se necessita de uma habilidade matemática. Segundo Johnson & Myklebust (1987, apud GUERRA, 2002, p. 60):

A linguagem matemática [...] possui aspectos internos, receptivos e expressivos. Uma criança inicialmente assimila e integra as experiências não-verbais, depois ela aprende a associar símbolos numéricos à experiência e, finalmente, expressa as ideias de quantidade, espaço e ordem usando a linguagem matemática.

A Dislalia é um distúrbio da fala onde a criança tem uma dificuldade em articular as palavras, seja omitindo ou acrescentando fonemas. Segundo Furtado e Borges (2007, p. 98):

A dislalia é um transtorno na articulação mas não por causa de lesões ou alterações do sistema nervoso e nisso se distingue da disartria, embora os sintomas de uma e da outra possam ser idênticos. Esta dificuldade em articular os fonemas pode ser classificada em: Dislalia fisiológica – É aquela que se apresenta na criança durante o desenvolvimento da fala e tende a desaparecer antes de chegar a idade escolar (se persistir depois de 4 anos, deve ser considerada patológica). Dislalia funcional – Caracteriza-se pela omissão, substituição ou deformação de fonemas. Pode ser simples se afetar apenas um fonema, e múltipla se afetar mais de um fonema.

A Disortografia, assim como a Disgrafia, também é uma dificuldade da escrita, mas está relacionada ao processo de ortografia. Segundo Furtado e Borges (2007, p. 142):

Caracteriza-se pela incapacidade de transcrever corretamente a linguagem oral, havendo trocas ortográficas e confusão de letras. Essa dificuldade não implica a diminuição da qualidade do traçado das letras. As trocas ortográficas são normais durante a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> séries da primeira série do ensino fundamental (Grau- TIRAR), porque a relação entre a palavra impressa e os sons ainda não está totalmente dominada. A partir daí os professores devem avaliar as dificuldades ortográficas apresentadas por seus alunos, principalmente por aqueles que trocam letras ou sílabas de palavras já conhecidas e trabalhadas em sala de aula.

O TDH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) é um transtorno observado em crianças muito agitadas, que não prestam atenção, têm dificuldades em manter a atenção nas atividades, não terminam o que começa, esquecem as atividades diárias, e muitas outras. Segundo Guerra (2002, p. 79):

Os critérios diagnósticos adotados pelo DSM-IV (Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais), com referência ao transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, são destacados pois temos observado que esta síndrome, muitas vezes, encontra-se associada às dificuldades de aprendizagem.

Existem muitas outras dificuldades, e que podem levar o aluno ao fracasso escolar e conseqüentemente a escola também, pois fica subentendido que a instituição não soube lidar com estes problemas. O aluno acaba se tornando uma criança triste e desmotivada, por isso se torna importante o diagnóstico e a ajuda, para que o discente se sinta encorajado para lidar com suas dificuldades.

## CAPÍTULO II – APRENDIZAGEM E AS METODOLOGIAS

### II.1 METODOLOGIAS QUE FACILITAM A APRENDIZAGEM

Determinar uma metodologia que motive a aprendizagem é algo um pouco complexo, uma vez que cada aluno tem a sua história de vida, tem as suas dificuldades particulares. O professor deverá saber identificar as barreiras, procurando adaptar suas aulas motivando o aluno. Um verdadeiro docente está sempre atento para seus discentes, tentando aperfeiçoar o momento e transformá-lo em algo prazeroso, deixando com que o aluno seja participativo.

Segundo Libâneo (2008, p. 29):

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam atividades conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções.

O professor é a pessoa que estará mais tempo com o aluno, que o acompanhará em grande parte do dia, e a criança acaba admirando e tendo o professor como o seu exemplo, acreditando e tomando como sua verdade tudo aquilo que o educador diz. O professor precisa deixar o aluno refletir e dialogar, tirar suas dúvidas, pois os educadores também aprendem com as dúvidas dos alunos. Por isso, para ensinar, é necessário que o professor esteja aberto também para aprender, acredito que quando o aluno participa das aulas ele se sente parte do processo e se motiva. No momento de ensinar o docente precisa perceber que não é somente falar e transferir informação ao discente, mas que o que está sendo passado deverá fazer parte da vida do aluno, de sua realidade.

O que seria então ensinar?

Segundo Antunes (2008, p.30):

Ensinar quer dizer ajudar e apoiar os alunos a confrontar uma informação significativa e relevante no âmbito da relação que estabelecem com uma dada realidade, capacitando-o para reconstruir os significados atribuídos a essa realidade e a essa relação.

Não basta apenas instruir, mas puxar do aluno as suas experiências e confrontá-las com o que está sendo passado, ou mesmo compará-las a sua realidade. “Recebemos instrução para realizar determinada tarefa e, dessa maneira, somente diante da mesma a instrução se faz útil. O aluno aprende para viver melhor e para colher informações, confrontá-las com a realidade”. (ANTUNES, 2008, p. 30).

Uma aula que seja essencial para os alunos com dificuldades é aquela em que o professor consegue identificar os seus obstáculos e procura desenvolver atividades que motivem o aluno a estar ali, naquele momento, interagindo e aprendendo com as experiências dos colegas e do próprio professor. Não se pode dizer que uma aula foi proveitosa se não se tem o diálogo, o escutar, o tirar dúvidas. Por isso cabe ao professor se qualificar e procurar estar atento às mudanças e aos próprios alunos, sabendo observar e coletar informações para sempre estar modificando suas metodologias, caso necessário. Por isso “Uma aula é excelente, no Brasil ou em qualquer país do mundo, quando alcança com facilidade seu objetivo essencial, no caso ‘ajudar o aluno a construir sua própria aprendizagem’”. (ANTUNES, 2008, p.49)

Na tendência liberal tradicional, percebe-se que a mesma não se preocupava com a participação do aluno, era autoritária, repetitiva nos ensinamentos, podemos perceber o seu reflexo, ainda, na educação hoje.

Conforme Luckesi (1994, p. 57):

[...] a autoridade do professor exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula. O professor transmite o conteúdo na forma da verdade a ser absorvida; em conseqüência, a disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio.

Segundo Kauark e Silva (2008, p. 269):

[...] valoriza sempre o que o seu filho faz, mesmo que não tenha feito o que você pediu e em nível de que você esperava; disponibilize materiais para auxiliar na aprendizagem; é preciso conversar, informar e discutir com o seu

filho sobre quaisquer observação e comentários emitidos sobre ele. E se você não dispõe desse tempo com o seu filho, não deixe de recomendar que as atividades que vão para a casa sejam acompanhadas e (re) ensinadas pela professora do reforço, ou por um parente, não esqueça de reservar um tempinho para saber dele como vai na escola, quais as dificuldades e em que área ele precisa despende maior esforço. E nunca, o subestime.

O professor tem o papel de ajudar o aluno, de motivá-lo, de procurar desenvolver atividades que os provoquem a pesquisar mais, a se tornarem críticos. Não basta apenas jogar informações, mas propiciar um ambiente saudável em que o discente se sinta confortável em estar se relacionando com outros colegas e aprendendo a aprender.

Segundo Antunes (2008, p. 45):

Como educar não significa apenas transmitir o legado cultural às novas gerações, mas também ajudar o aluno a aprender o aprender, despertar vocações, proporcionar condições para que cada um alcance o máximo de sua potencialidade e, finalmente, permitir que cada um conheça suas finalidades e tenha competências para mobilizar meios para concretizá-las, chega-se ao sentido estrutural da questão: o que significa educar. Em síntese: aprender a conhecer, fazer, viver junto e aprender a ser.

Antunes (2008) acredita que cinco atributos são importantes para uma excelente aula: O Protagonismo, onde o aluno é o ator principal do processo; a Linguagem, pois é necessário falar para aprenda; a Administração de Competências Essenciais à Aprendizagem, ou seja, pensar, agir, refletir, perguntar; a Construção de Conhecimentos Específicos, onde o aluno faz uma ligação com o que se aprende e o que já se sabe; e o último que é a Auto Avaliação, que é onde o aluno percebe o que sabia antes da aula e o que se sabe depois, ou seja, a transformação.

Torna-se necessário que o educador se atualize em relação à forma como as crianças e os jovens de hoje recebem informações e aprendem, para rever os métodos que utiliza no processo educacional.

No livro “professores e professauros” a importância de uma aula “excelente”, é exemplificada por 2 professoras em momentos diferentes e depois é feita uma análise de cada um. É de grande importância transcrever os exemplos, pois demonstrará uma metodologia eficaz para, principalmente, ajudar os alunos com dificuldades de

aprendizagem. Primeiramente será transcrito literalmente sobre a “PROFESSAURA” Segundo Antunes (2008, p.53 – 54)

**1º momento:**

\_\_ Bom dia, queridos alunos. Vamos hoje estudar a Grécia Antiga. Para que a aula comece, por favor, alinhem suas carteiras. Isto, bem alinhadas, vocês compreendem que sem ordem é impossível a aprendizagem. Excelente. Agora, meus queridos, coloquem sobre sua carteira todos os recursos necessários para a aula, mas apenas os necessários. Lápis, borracha, canetas, régua e, evidentemente, o caderno e o nosso livro didático. Excelente. Podemos então começar.

**2º momento:**

\_\_ Agora, queridos, prestem muita atenção. Vou escrever na lousa meu plano de aula, destacando o tema, seus subtítulos e as ideias principais referentes a cada um deles. Copiem com atenção e, se notarem que sublinhei algumas palavras, sublinhem também. Após o registro dessa matéria, explicarei detalhadamente cada item proposto. Não vejo razão alguma para conversarem durante essa cópia e, se isso ocorrer, imediatamente paro a aula e faço uma chamada oral, valendo para nota. Fui clara?

**3º momento:**

\_\_ Bem, meus anjos. Agora que todos já têm em seu caderno as anotações básicas que dão estrutura ao tema, ouçam minhas explicações e os detalhes que apresentarei seguindo a sequência da lousa. É essencial que estejam atentos, primeiro porque se o pilhar distraídos faço uma chamada oral e segundo porque, após minhas explicações, darei um tempo para que façam suas anotações pessoais no caderno, logo abaixo da cópia do plano de aula. Fui clara? Então vamos começar...

**4º momento:**

\_\_ Bem, meus queridos, como eu havia dito é chegada a hora da “construção”. Vou percorrer as carteiras e se alguém tiver alguma dificuldade, erga o braço que estarei pronta para a ajuda. Nesta oportunidade vocês têm a tarefa de sintetizar as explicações que acabei de apresentar, anotando-as em seu caderno. Não é necessário uma rotina e nem quero um “ditado”. Gostaria que vocês usassem suas próprias palavras para essa síntese. Podemos então começar.

**5º momento:**

\_\_ Muito bem amigos. A aula está chegando ao fim. Lição de casa. Devem procurar no nosso livro didático o tema que apresentei. Está entre as páginas 39 e 46. Devemos ler esse conteúdo e se notarem elementos novos em relação à aula, por favor anatem no caderno. Cada caderno deve assim conter, para cada item da matéria, três partes distintas: a primeira com a cópia de meu plano de aula, a segunda com as referências pessoais de cada um de vocês a partir de minhas explicações e a terceira, e última, possíveis anotações sobre acréscimos ao conteúdo, tomando por base nosso livro didático. Tudo bem. Então até logo, até a próxima aula.

Na análise de Antunes (2008) com relação a esta aula, ele demonstra que a professora possui domínio sobre o conteúdo, é bem organizada, mas não dá a

oportunidade do aluno se expressar. O aluno somente escuta o que a professora diz, não houve diálogo.

Percebemos nesta aula que a professora é muito rígida e não dá a oportunidade do aluno se expressar e dar a sua opinião. Ela somente impõe o que deve ser feito e não deixa o aluno seguro para dizer algo que favoreça a aprendizagem.

Agora será retratada uma aula de uma “PROFESSORA” chamada Dorothea. Segundo Antunes (2008, p. 55 – 57):

**1º momento:**

\_\_ Bom dia, queridos. Vamos começar nossa aula. Alguém se lembra sobre o que será? Sabe o que já sabemos e o que falta saber? Muito bem. Então imaginem o seguinte: pensem que puderam entrar em meu sonho e que eu sonhei que o Ricardo que ali está sentado havia despencado de uma falésia. Provavelmente vocês sabem o que significa “despencar”, mas ignoram o que é falésia. Então, enquanto eu faço a chamada, organizem-se em duplas e discutam sobre o que poderia ser uma falésia, considerando o verbo despencar. Exponham ideias, discutam possibilidades.

**2º momento:**

\_\_ Bem. Queridos, agora que várias probabilidades foram cogitadas, pro favor me ajudem. Se eu desejar saber efetivamente o que é “falésia”, como buscar essa resposta? Vamos lá gente. Estou ponta para sugestões. Veja, a Helena falou em “internet”, a Claudinha mencionou uma “enciclopédia”, o Ricardo lembrou que certas “entrevistas” podem ajudar, a Paulinha recordou o nosso livro didático e o Luiz Fernando lembrou que até um “telefonema específico” pode nos ajudar. Viram? Quantas fontes podem ser buscadas? Mas de todas as que se citou, a que aqui disponho é o livro didático, vamos então buscar essa resposta? Paulinha, procure essa resposta no livro e leia em voz alta para todos nós. Excelente. Agora vamos fazer uma experiência? Quero que vocês repitam o conceito de falésia que o livro destacou, mas não vale usar todas as palavras do texto. Modifiquem à vontade, mas lembrem-se que o conceito tem que se manter válido. Vocês sabem, existem sempre muitas maneiras de se dizer a mesma coisa. Excelente. Já temos diversos conceitos de “falésia” aqui construídos.

**3º momento:**

\_\_ Bem, amigos, prosseguindo, vamos ampliar a idéia que o conceito nos traz. Vou percorrer as carteiras e atribuir a cada aluno uma cor diferente, entre seis que escolhi. Aceito sugestões. Muito bem, agora cada aluno já possui sua cor. Mudem de lugar e se agrupem conforme a cor indicada. Neste canto os verdes, por favor. Os amarelos ali. Excelente. Agora vou passar uma tarefa para cada cor pesquisar, debater, discutir e concluir. Verdes: “Que tipos de perguntas se poderiam fazer sobre falésias?” Amarelos: “Que comparações as falésias nos suscitam com outras formas litorâneas aprendidas?” Azuis: “ Em um sentido figurado, qual associação se pode fazer com falésia e um ato esportivo?” Vermelhos: “Como sintetizar esse conceito, de foram a torná-lo completo, ainda com menos palavras que as construídas originalmente?” Alunos do grupo Branco: “Pesquisem no espaço que a escola ocupa onde mais encontrar explicações sobre o tema”. Excelente.

**4º momento:**

Na mesma ou na aula seguinte:

\_\_ Reparem agora, pessoal, que vou percorrer os grupos e atribuir para cada aluno uma letra diferente, assim qualquer grupo terá alguém que, na próxima etapa, será “A”, outro que será “B”, outro “C” e assim pro diante. Pronto. Agora, pro favor, desfaçam os grupos originais com nome de cores e formem novos grupos com alunos com a mesma letra. Excelente. Vocês repararam que na nova organização grupal existe para cada novo grupo um ou dois dos grupos anteriores? Portanto, neste novo grupo, todos os temas anteriores estão presentes e, quando eu der um sinal, os verdes expõem suas conclusões, depois os amarelos e assim por diante. Quando todos terminarem, toda classe assumiu todas as discussões. Então dessa forma prontos para que eu faça para qualquer um perguntas de todos os temas discutidos.

**5º momento:**

\_\_ Bem, amigos, nossa aula está terminando. Gostaria que agora, em suas casas, pesquisassem esse assunto no nosso livro didático e em outros que eventualmente podem dispor. A tarefa será a de ampliar os saberes sobre o tema e buscarem uma “linguagem” diferente para na próxima aula apresentar. Aceito respostas através de um coral, de um desenho, de mímicas, com montagens e recortes, como paródia de uma música do momento. Enfim, a missão de vocês será a de mostrar a todos nós que não apenas com palavras podemos expressar o conteúdo apreendido. Alguma dúvida? Então, até logo e passem bem.

Para Antunes (2008, p. 57):

É evidente que esse fragmento mostra uma das maneiras de Dorothea ministrar sua aula, pois em outras de novas estratégias se valerá. Não parece muito provável que a professora conheça muitas estratégias, mas é possível imaginar que essa situação não está fora de cogitação.

Segundo Antunes (2008) a “PROFESSORA” interage com os alunos, apóia-os a confrontar informações com a realidade. O aluno é participativo e protagonista no processo ensino/aprendizagem.

Percebemos nesses exemplos as diferenças que existem entre as duas professoras, uma que domina o conteúdo, mas não tem técnicas que favoreçam ao aprendizado e a participação do aluno. A outra já tem o prazer de estar em sala de aula, se preocupa com os alunos, tenta fazer com que todos participem e que desenvolvam atividades prazerosas, estimulando a todos a estar ali com os outros alunos e interagindo, procurando aprender com as experiências dos outros colegas.

O professor precisa ser mediador e facilitador no processo de ensino/aprendizagem. Acreditamos que um dos grandes problemas para os alunos com dificuldades seja a

falta de estímulo, o compromisso do professor em fazer o seu papel e proporcionar um ambiente em que se tenha segurança e não medo. Porque a grande maioria dos alunos não tem respeito, mas medo do professor e por isso não se sente a vontade em tirar suas dúvidas ou interagir com os colegas. O aluno deve se envolver com as atividades e todos juntos trabalharem em prol de uma educação com mais qualidade.

Segundo Kauark e Silva (2008, p. 269):

A metodologia da escola deve ser adequada, envolvendo seus alunos. E no momento em que surgir algum problema com algum aluno é importante que haja uma mobilização por parte da escola, a fim de que solucionem a possível dificuldade. A escola deve esforçar-se para a aprendizagem ser significativa para o aluno. Com isso todos ganham: a escola, a família e, principalmente, a criança.

## II.2 O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR NA APRENDIZAGEM

É papel do professor proporcionar e promover uma aprendizagem significativa, através de suas intervenções pedagógicas. A motivação é muito importante em todo o processo de ensino/aprendizagem. A criança ao se sentir segura terá mais liberdade em buscar soluções para o seu processo de adquirir conhecimento.

Segundo Fonseca (1995, p. 131):

A noção de motivação está também intimamente ligada à noção de aprendizagem. A estimulação e a atividade em si não garantem que a aprendizagem se opere. Para aprender é necessário estar-se motivado e interessado. A ocorrência da aprendizagem depende não só do estímulo apropriado, como também de alguma condição interior própria do organismo (“sede”, “curiosidade”, etc).

O auxílio do docente deve ser proporcional à necessidade de cada criança, procurando se dedicar mais as que têm dificuldades de aprendizagem, ajudando-as a superar os medos.

O professor tem que ser o mediador da aprendizagem, pois ele tem um papel muito importante e fundamental no crescimento da criança, mediando e propondo situações que sejam positivas para uma boa qualidade de ensino. Uma pessoa não consegue aprender sem o outro, é necessário que exista a socialização e o professor é essencial neste processo através de sua postura ética e observadora.

Segundo Libâneo (2008, p. 47)

A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre provendo as condições e os meios (conhecimentos, métodos, organização do ensino) que assegurem o encontro do aluno com as matérias de estudo. Para isso, planeja, desenvolve suas aulas e avalia o processo de ensino.

O professor que se compromete com uma postura mediadora e com ações pedagógicas positivas, desenvolvendo atividades significativas em quem seja despertado o prazer, a vontade de estar partilhando com o outro, estará ajudando e favorecendo no processo da construção do conhecimento.

Ainda segundo este mesmo autor (2008, p. 47):

O trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas

É o professor que tem a responsabilidade de criar um ambiente educativo, onde possibilitará condições para o aprender, não se esquecendo que cada criança tem suas limitações. Ser mediador não é ser controlador, e sim observar o andamento do processo ensino/aprendizagem e conforme necessário mudando a metodologia, ajustado uma coisa aqui, outra ali, ouvindo as opiniões dos alunos e juntos procurarem uma melhor solução. Sobre esta questão Freire (1996, p. 43) afirma que “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a de reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.”

As escolas antigamente usavam a educação bancária, onde os alunos tinham que ficar enfileirados, calados e prestando atenção no que o professor estava passando. Hoje se acredita e se vê em muitas escolas as metodologias participativas, que são as mais eficazes ao aprendizado. Mas muitos professores ainda resistem a esta mudança, dificultando e prejudicando, principalmente, os alunos com dificuldades de aprendizagem. A metodologia eficaz é aquela que ajude o aluno a pensar e a ver o mundo de uma forma diferente, em que cada dia que saia da sala de aula seja outra pessoa. É essa a metodologia que ajuda o aluno a aprender a aprender.

Segundo Antunes (2008, p. 23):

Um verdadeiro mestre usa a sala de aula, mas sabe que seus alunos aprendem dentro e fora da mesma e, dessa forma, quando a esse espaço se restringe faz do mesmo um elo estimulador de desafios, interrogações, proposições e idéias que seus alunos, em outros espaços, buscarão. Uma aula de verdade não se confina à sala de aula e os saberes na mesma provocados representam desafios para que os alunos os contextualizem na vida que vivem. Professauros adoram salas de aula, pois, confinados em espaço restrito, não contam com a crítica de quem analisa sua repetitiva conduta.

O papel do professor é formar cidadãos críticos e é através de sua postura dentro de sala de aula que o aluno se sentirá a vontade para se expressar, dar a sua opinião. Não se pode podar o aluno, deve deixá-lo à vontade, mas não esquecendo de que existem regras. Não basta apenas deixar o educando fazer o que quer, mas mostrar que em toda sociedade temos regras e devemos segui-las.

É necessário que o professor esteja disponível ao diálogo, e com está abertura poder mediar e guiar o aluno para um caminho de respeito, liberdade, conhecimento. A realidade de cada aluno pode ser um tema para discussão, mostrando os problemas de sua comunidade, comparando com outra e buscando até mesmo soluções para os problemas enfrentados por eles. Porque “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 1996, p. 154):

O educador ao estar refletindo sobre suas práticas precisa entender a importância do seu papel ao estar proporcionando meios para direcionar a criança e o jovem a um caminho de reconhecimento social. A criança e o jovem precisam perceber suas relações com os outros e assumir o seu papel perante sociedade, entendendo que possuem direitos e deveres, e que são capazes de expressar suas opiniões e se sentir atuante e participante.

Segundo Freire (1996, p.46):

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*.

Incentivar a exposições verbais é um caminho bastante proveitoso, pois o professor estará dando a oportunidade do aluno dizer aquilo que pensa e o que deseja saber, não se esquecendo da importância do educador como mediador no processo de aprendizagem.

Segundo Antunes (2008, p. 110):

Aceitar a idéia de que os alunos possam substituir os professores significa reduzir o sentido e o valor de um verdadeiro mestre. Por essa razão, as exposições verbais podem ser utilizadas como interessante situação de aprendizagem desde que não visem transformar alunos em professores substitutos, mas sim em se constituir uma estratégia de aprendizagem na qual os alunos se apropriam dos conhecimentos que puderam construir e, orientados pelo professor, dividem esses conhecimentos com os colegas. É, assim, uma situação de aprendizagem e não de ensino, razão pela qual é importante que o professor possa ajudar os alunos em cada etapa do processo.

O professor precisa ser mediador e facilitador, favorecendo e direcionando o aluno para um caminho de autonomia e responsabilidade, mostrando a realidade e construindo um ambiente em que o aluno reflita sobre as atitudes ou ações que possam propiciar a sua vida e a de sua comunidade. E é através desta autonomia

que o aluno se sentirá preparado para questionar as dúvidas que os incomodam e assim assumirem um papel principal no momento do ensino/aprendizagem

Segundo Freire (1996, p.66 - 67)

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos da nossa existência. É nesse sentido que o professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licencioso rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade. É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.

## **II.2.1 Formação continuada do professor**

Muitos professores param no tempo, usando métodos que hoje não irão surtir efeitos. Mesmo porque uma aula é totalmente diferente da outra, os alunos são diferentes. As coisas mudam e devemos mudar e nos atualizar também. Não se pode querer usar planos de aulas antigos com crianças de hoje em dia. Hoje se vê uma juventude informatizada, capazes de lidar com computadores, jogos, internet, celulares. Devemos procurar sempre aprender mais e estar à frente das coisas novas.

Segundo Ferreira (2008, p. 142):

A falta de profissionais qualificados, a carência de material didático, carência na estrutura física e pedagógica, a má qualidade de ensino, tudo isso faz com que a escola seja um agente contribuinte dos problemas de aprendizagem e do fracasso escolar. Mas esse é um problema que precisa da contribuição social e também educacional.

O professor precisa refletir sobre a sua postura crítica e avaliar a sua prática dentro de sala de aula, procurando sempre se qualificar. Segundo Freire (1996, p. 43-44):

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Um professor que não procura se aperfeiçoar, que não tem a curiosidade de procurar novas formas de ensinar, que não tenha amor àquilo que se dispôs a fazer, não tem condições de ajudar um aluno com dificuldades e limitações, não pode ser um mediador de uma aprendizagem significativa, capaz de transformar a vida do educando para uma postura crítica e autônoma.

Segundo Freire (1996, p. 103):

O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor.

É através da educação que o aluno começa a reformular aquilo que já foi aprendido.

Segundo Petraglia (1995, p. 76):

Acredita que cabe ao professor o início da reforma do pensamento, que parte do simplista e linear para o complexo. Contudo, sabe que essa transformação não pode acontecer de maneira rígida ou ortodoxa, mas deve ser natural e progressiva.

Ainda segundo Petraglia (1995, p. 76) com relação ao pensamento de Morin:

Considera que o professor, individualmente, deve ir em busca de formação necessária para essa prática renovadora e deve cultivar-se, sempre. Deve ser um autodidata, partindo do estudo do que chama de novo tipo de ciência: ecologia, ciências da terra e cosmologia.

O educador precisa reformular seus pensamentos e sua forma de ver a educação. Muitos não têm o apoio da instituição e acabam se desestimulando e deixando as coisas acontecerem. Por isso que se torna necessário um educador que tenha amor

pelo que está fazendo. Não pode haver o desânimo em continuar lutando por uma educação de qualidade. Tem que haver também a valorização do professor. Segundo Petraglia (1995, p. 77):

É preciso que os educadores iniciem o processo de reforma do pensamento, apesar das instituições tentarem bloquear suas iniciativas, pois, um dia, suas idéias vingarão. É preciso persistência e dedicação quando se acredita nas próprias idéias.

Muitos professores pararam no tempo, têm seus planos de aulas sempre os mesmos, não mudando nem uma vírgula, precisam perceber que o mundo se transforma rapidamente e que as coisas mudam, os pensamentos mudam e por isso se torna necessário que eles se reciclem, procurem se aperfeiçoar e não fiquem estagnados no tempo, acomodados. Precisam sair da rotina, onde cumprem as matérias de forma mecânica. E no dia seguinte fazem a mesma coisa. Segundo Paes e Scicchitano (2008, p. 156):

É importante considerar, também, que a persistência das dificuldades e problemas de aprendizagem na alfabetização inicial, na aprendizagem e no desenvolvimento da escrita e da leitura compreensiva, ao mesmo tempo que evidencia tratar-se de um problema complexo, aponta para a necessidade de se desenvolver ações preventivas como forma de enfrentar o problema. A primeira e mais evidente ação preventiva envolve a qualificação do professor para trabalhar em sala de aula.

Dentro de uma instituição e de uma sala de aula ou fora dela, é preciso existir um transformado, uma pessoa que esteja disposta a interagir e aprender mais e mais. Porque o professor não é um transmissor de conhecimento, mas aquele que também aprende. Segundo Libâneo (2008, p.65)

A Didática tradicional tem resistido ao tempo, continua prevalecendo na prática escolar. É comum nas nossas escolas atribuir-se ao ensino a tarefa de mera transmissão de conhecimento, sobrecarregar o aluno de conhecimentos que são decorados sem questionamento, dar somente exercícios repetitivos, impor externamente a disciplina e usar castigos.

O pensamento vivo de Paulo Freire segundo Antunes (2008, p. 183)

Formação de professores: A educação não pode abrir mão de uma formação técnica e científica, mas necessita também abrir sonhos e utopias e, portanto, exige dupla leitura (palavra mundo – texto/contexto) para que, como profissional, o professor se sinta sujeito da história como tempo de possibilidades e não de determinismos e ainda saber que, embora a

educação não possa tudo, pode contribuir para a transformação do mundo em algo melhor.

Mas infelizmente se vê muito distanciamento deste conceito de Paulo Freire, e hoje em dia a grande maioria dos professores pensam na educação somente como fontes de dinheiro, como uma profissão monótona em que se trabalha de forma mecânica. Segundo Antunes (2008, p. 183):

O profissional em educação é um trabalhador que maneja a aprendizagem como um mecânico a sua ferramenta, alienando-se de um significado para a transformação social. Sua racionalidade econômica sob a perspectiva da globalização desperta uma visão “fatalista” e reduz o trabalho educativo à conquista de uma técnica.

É necessário que o educador perceba criticamente a realidade em que está inserido, que busque uma concepção de educação e uma prática educativa que fomente a criticidade, a criatividade e a sensibilidade das pessoas, que acredite num futuro melhor e na potencialidade que as crianças e os jovens têm para fazer a diferença. Torna-se necessário que o educador se atualize em relação à forma como as crianças e os jovens de hoje recebem informações e aprendem, para rever os métodos que utiliza no processo educacional. É preciso, ainda, que volte a visão de seus educandos para além da sala de aula de forma a conscientizá-los acerca do mundo em que vivem e sensibilizá-los para a solidariedade e para a união em prol de um mundo melhor, mais humano, mais igualitário e que ao mesmo tempo entendam que existem diferenças e saibam respeitá-las. Segundo Moran (2008):

Mudanças dependem de uma boa gestão institucional com diretrizes claras e poder de implementação, tendo os melhores profissionais, bem remunerados e formados (realidade ainda muito distante). Mas um dos caminhos que pode esclarecer algumas dificuldades da mudança pessoal é que as pessoas têm atitudes diferentes diante do mundo, da profissão, da vida. Em todos os campos encontramos profissionais com maior ou menor iniciativa, mais ou menos motivados, mais convencionais ou proativos. Nas instituições educacionais – organizações cada vez mais complexas - convivem gestores e professores com perfis pessoais e profissionais bem diferentes.

Os educadores precisam refletir sobre a sua postura dentro de sala de aula, precisam ser mediadores e facilitadores em um processo de construção de cidadãos. Ou seja, precisam contribuir para a formação de pessoas com esperanças e desejos de um mundo melhor e com atitudes para construí-lo, pessoas protagonistas de sua história.

Para Antunes (2002, p. 78) o professor precisa:

Se libertar da rotina, adquirindo a ousadia e a coragem de buscar novos caminhos, empolgar-se e com espírito crítico e bom senso, aprender coisas novas, transformando-as em ação. Formar-se integralmente significa aprender e se transformar a partir de procedimentos pessoais e coletivos de autoformação.

### **CAPÍTULO III – PSICOPEDAGOGO, PROFESSOR E FAMÍLIA – INTERAÇÃO EM BUSCA DE UMA APRENDIZAGEM**

Não se pode jogar toda a responsabilidade do processo de ensino/aprendizagem somente ao professor. Segundo Paes e Scicchitano (2008, p. 156):

Uma ação preventiva que pode ser desenvolvida está relacionada à atuação do psicopedagogo nos cursos de formação de professores e na escola, junto ao professor, ajudando-o a conhecer e compreender melhor o processo de aprendizagem e de desenvolvimento de leitura e da escrita de modo a desenvolver estratégias de trabalho pedagógico em sala de aula em que “as situações e as atividades de leitura e escrita tenham uma função e um sentido reconhecido pelo aluno”.

O educador também não pode se isolar do processo de ensino/aprendizagem. Segundo Bossa (2000, p. 14) “[...] é comum, na literatura, os professores serem acusados de si isentarem de sua culpa e responsabilizar o aluno ou sua família pelos problemas de aprendizagem”. É necessário lembrar-se da importância de se mudar os métodos, quando não está dando certo. Neste momento o professor precisa da ajuda do psicopedagogo, para direcioná-lo na melhor metodologia a ser utilizada. Segundo Ferreira (2008, p.141):

A Psicopedagogia é a abordagem que investiga e compreende o processo de aprendizagem e a relação que o sujeito aprendente estabelece com a mesma, considerando a interação dos aspectos sociais, culturais e familiares. O psicopedagogo articula contribuições de áreas como a Psicologia, Pedagogia e Medicina, entre outras, com o objetivo de por à disposição do indivíduo a construção do seu conhecimento e a retomada do seu processo de aprendizagem. E, ainda, busca possibilitar o florescimento de novas necessidades, de modo a provocar o desejo de aprender e não somente uma melhora no rendimento escolar.

A presença do psicopedagogo é importante para auxiliar na identificação e na resolução dos problemas no processo do ensino/aprendizagem. Este profissional está capacitado a lidar com as diversas dificuldades, pois tem um conhecimento científico nos processos do aprender. Cabe a ele verificar a solução dos problemas de aprendizagem, realizar o diagnóstico, intervir através de métodos ou técnicas próprias. A relação que existe entre o psicopedagogo, professor e família é muito importante, pois juntos podem procurar definir atividades com o objetivo de solucionar os efeitos prejudiciais aos alunos com dificuldades. O profissional de

psicopedagogia elabora um trabalho junto com a família e a escola frente às dificuldades no processo do aprender, terá que encontrar uma solução mais adequada para cada caso diagnosticado. É preciso que o professor tenha prazer em ensinar para que possibilite o prazer do aluno aprender. O professor que se compromete com a educação deseja que seu aluno construa o conhecimento para a vida. Segundo Bossa (1994, p. 29):

O diagnóstico psicopedagógico é um processo, um contínuo sempre revisável, onde a intervenção do psicopedagogo inicia segundo vimos afirmando, numa atitude investigadora, até a intervenção. É preciso observar que esta atitude investigadora, de fato, prossegue durante todo o trabalho, na própria intervenção, com o objetivo de observação ou acompanhamento da evolução do sujeito.

Tem que haver um processo de interação. A família também é responsável por esse processo, assim como o estado. Conforme a Constituição Federal Art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O Psicopedagogo assume um papel muito importante no momento de procurar desenvolver atividades que ajudem na aprendizagem. O seu papel é de avaliar a situação e procurar ajudar usando métodos que favoreçam a aprendizagem e a quebra dos obstáculos que impedem o aluno no momento do aprender. Segundo Bossa (1994, p. 23):

[...] cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter existencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança ou, da própria ensinagem.

Para que haja uma identificação dos problemas que afligem as crianças com dificuldades é saber olhar, escutar, observar. Segundo Fernández (apud FERREIRA, 2008, p. 144):

[...] o olhar, a escuta e a intervenção psicopedagógica devem estar direcionados à modalidade de aprendizagem em relação à modalidade de ensino, que surge das posições subjetivas entre o aprendente e o ensinante frente ao conhecimento, no decorrer da construção da história de vida do sujeito no ato de aprender, tendo como finalidade a autoria do pensamento, que é a descoberta da originalidade, da diferença, da marca, e a partir daí, abrir espaços para a criatividade.

É necessário que se tenha uma interação com a família do aluno com dificuldades de aprendizagem, é preciso escutar para assim procurar captar o problema existente. E através dessa conversa o psicopedagogo poderá orientar metodologicamente o professor. Mas esta orientação é conforme o problema de cada aluno. Cada um tem suas particularidades.

Segundo Ferreira (2008, p. 140):

As dificuldades de aprendizagem acabam por provocar o fracasso escolar, a psicopedagogia, como abordagem que estuda o processo de aprendizagem, age para a superação dessas dificuldades sob um caráter institucional ou clínico.

A aprendizagem não se faz somente na escola, mas através do convívio com outras pessoas, com a família. Quando chega a seu primeiro dia na escola ela já traz uma experiência e uma aprendizagem que a ajudou a construir seus saberes e sua visão de vida. A família será o primeiro contato que dará ou não uma auto-estima e assim conseguirem se desenvolver positivamente na escola. Segundo Kauark e Silva (2008, p. 267)

[...] as crianças que apresentam “pobre” desempenho escolar e atribuem isso a incompetência pessoal apresentam sentimento de vergonha, dúvida sobre si mesma, baixa auto-estima e distanciamento das demandas de aprendizagem, caracterizando problemas emocionais e comportamentos internalizados.

A escola e a família são essenciais no momento de identificar quais são as dificuldades do aluno. Mas é o Psicopedagogo o profissional qualificado e com

conhecimento científico que ajudará no momento de estabelecer métodos para uma melhor aprendizagem. “Posa-se dizer que a aprendizagem é um processo complexo que se realiza no interior do indivíduo e se manifesta em uma mudança de comportamento.” (FERREIRA, 2008, p. 140).

A Psicopedagogia é muito importante, pois trás suporte ao professor, dando respostas aos problemas identificados.

Segundo Ferreira (2008, p. 139):

[...] a psicopedagogia dá respostas para alguns problemas que surgem no aluno, durante o processo de aprendizagem, mas que o maior problema está na educação. Portanto, acreditamos que quando houver melhoria na educação, também haverá melhoras no processo de aprender.

O aluno com dificuldades necessita de uma orientação e o conhecimento do profissional dará uma base aos professores e família de como se trabalhar com estes alunos.

Segundo Kauark e Silva (2008, p. 268):

Torna-se necessário orientar o aluno que apresenta dificuldades e/ou que fogem aos padrões de aprendizagem correspondente a cada etapa do ensino (série, ciclo, ano) e também a família e o professor, para que juntos aprendam a lidar com estes problemas, buscando a intervenção de um profissional especializado (pedagogo, psicopedagogo, psicólogos).

A família é o primeiro contato social que a criança tem. É com a mãe que ela aprenderá a confiar, a ter amor. Por isso é essencial a forma como a família direciona a criança. Suas crenças, seus valores sua visão de vida já é internalizado dentro de casa, no convívio com os pais e os irmãos.

Segundo Furtado e Borges (2007, p. 10 -11):

Os pais e os irmãos constituem o ambiente social e emocional para desenvolver uma conduta afetiva positiva por meio da interação. Uma relação positiva com os demais permite que a criança satisfaça suas necessidades e consiga um controle para encarar seus sentimentos e aceitar os demais.

É através da relação com o irmão, e através da mediação dos pais, que a criança irá aprender a dividir, a respeitar, saber olhar o outro. Por isso não se pode separar família, escola e sociedade. Todos estão interligados e um será essencial para o outro.

Segundo Furtado e Borges (2007, p. 20):

Os pais e os irmãos constituem o ambiente social e emocional para desenvolver uma conduta afetiva positiva por meio da interação. Uma relação positiva com os demais permite que a criança satisfaça suas necessidades e consiga um controle para encarar seus sentimentos e aceitar os demais.

Quando a criança chega ao primeiro dia em sala de aula ela já carrega experiências trazidas do seu convívio familiar e ali ela aprenderá com a experiência do outro, a ver as coisas de outra forma, saber comparar com seus conceitos, com sua realidade de vida. As experiências positivas serão importantes no momento da interação, mas as negativas já serão um dos pontos cruciais para ocasionar as dificuldades, seja nos relacionamentos ou na própria aprendizagem.

Segundo Sanchis (2007, p. 171):

Quando a criança nasce, o universo para ela não é composto por objetos permanentes, presentes em um espaço objetivo; também as noções de tempo ou de causalidade ainda não se constituíram. Mas desde esse momento ela começa a elaborar esse universo exterior, que vai sendo construído e identificado na medida em que ela identifica e constrói a si própria.

Na escola a criança terá contato com outras crianças e ali aprenderá a trabalhar em grupo sabendo respeitar o próximo, mas tudo precisa de uma mediação do educador, onde o mesmo direciona as atividades que serão propostas em sala de aula. Segundo Piaget e Garcia (1983/1987, apud SANCHIS, 2007, p. 175) “[...] o que é a criança em si mesma se não existem crianças a não ser em relação a certos meios coletivos bem determinados?” O lúdico é um bom caminho para se trabalhar, através de brincadeiras motivadoras em que o educando aprenda a perceber o outro como parte daquele ambiente e como parte de sua aprendizagem. Segundo Varanda, Prudêncio e Bidá (2005, p. 215):

No processo de aprendizagem dos alunos de escola fundamental e educação infantil, as brincadeiras são oportunidades para a satisfação de algumas necessidades nesse processo. Entretanto, o papel que o professor desempenha é fundamental, tanto como um iniciador e mediador da aprendizagem, quanto como observador e avaliador dos processos ocorridos na aquisição de novos conceitos e conteúdos.

Segundo Piaget (1974, apud SANCHIS, 2007, p. 171):

[...] o estudo da tomada de consciência nos conduziu a colocá-la na perspectiva geral da relação circular entre o sujeito e os objetos, o primeiro não aprendendo a se conhecer senão agindo sobre estes e os segundos só tornando-se conhecíveis em função do progresso das ações exercida por eles.

É importante que a criança interaja com o outro, que saiba se relacionar. Segundo Sanchis (2007, p. 172):

A inteligência não principia, pois, pelo conhecimento do eu nem pelo das coisas como tais, mas pelo da sua interação, e é orientando-se simultaneamente para os dois pólos dessa interação que a inteligência organiza o mundo, organizando a si própria

“As situações nas quais a criança age são engendradas pelo contexto social [...] A criança não assimila objetos puros, definidos por seus parâmetros empíricos. Ela assimila situações nas quais os objetos cumprem certas funções e não outras.”  
PIAGET E GARCIA (apud LAJONQUIÈRE, 1997)

Segundo Furtado e Borges (2007, p. 10):

O desenvolvimento e a aprendizagem começam no momento em que a pessoa nasce e se relaciona com as necessidades, sentimentos e potencialidades. O desenvolvimento afetivo depende das atitudes da família e do interesse em fazer com que o sujeito aumente suas possibilidades como ser humano e seja independente.

A criança precisa ser direcionada para uma educação que a faça saber interagir na sociedade, fora do convívio familiar e escolar. Mas quando ela se depara com o mundo, passa a usar os seus valores, conduta e visão de vida. Segundo Furtado e Borges (2007, p. 22):

O processo de socialização traz implícito aprender a evitar condutas consideradas prejudiciais e, por outro lado, adquirir determinadas

habilidades sociais. Para isso é necessário que o sujeito esteja motivado a se comportar de forma adequada e desenvolva uma conduta de autocontrole, atendendo de forma positiva as expectativas do grupo. Considerando que os vínculos afetivos estabelecidos pela criança com os pais, irmãos, amigos, professores, colegas, etc., são a base de seu desenvolvimento social, então a empatia, o apego e a amizade têm influência no desenvolvimento social de um indivíduo.

Segundo Kauark e Silva (2008, p. 269):

A escola é um dos agentes responsáveis pela integração da criança na sociedade, além da família. É um componente capaz de contribuir para o bom desenvolvimento de uma socialização adequada da criança, por meio de atividades em grupo, de forma que capacite o relacionamento e participação ativa destas, caracterizando em cada criança o sentimento de sentir-se um ser social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o melhor método é aquele em que o aluno seja parte importante e integrante do processo, onde o mesmo possa expressar as suas opiniões e não venha a sentir medo do professor, mas respeito e apoio para poder contar com suas motivações. O professor precisa mediar a aprendizagem e as interações com outros colegas. Não basta apenas estar à frente, na sala de aula, falando e fazendo com que os alunos engulam as informações e não possam debater e expor as suas opiniões, ansiedades e dúvidas. O verdadeiro professor é aquele em que motiva o aluno a procurar informações e ser pesquisador em constante aprendizagem.

A criança com Dificuldade de Aprendizagem precisa de mais apoio, mais atenção e observação. A família é essencial no sentido de identificar o que está ocasionando a dificuldade, principalmente os pais, pois os mesmos podem e devem ajudar o professor a auxiliar o aluno, juntamente com um profissional, o psicopedagogo, que irão procurar estratégias que possam direcionar o aluno para uma aprendizagem eficaz e de qualidade.

Cabe exemplificar as dificuldades da pesquisadora dentro de sala de aula e fora dela, uma vez que ocorreram devido à postura dos professores. Por serem muito tradicionalistas e autoritários a fazia sentir medo de falar ou se expressar de alguma forma, seja verbal ou corporal. Sentia pavor e vergonha quando tirava notas baixas, pois os alunos a ficavam olhando de forma diferente. Aquela situação foi transformando-a em uma criança fechada e com baixa auto-estima. Não tinha uma orientação e se sentia sozinha naquele mundo estranho. Houve um momento, na 4ª série (atual 5º ano), em que a professora pediu que todos os alunos ficassem de pé, ao se levantar, sem querer a pesquisadora derrubou a carteira. A professora ficou irada, a apertou pelo braço e deu uma bronca na frente de todos. A partir daquele momento a pesquisadora procurou sempre ficar quieta, calada, sentada, olhando para frente, com medo da professora brigar com ela. Essa postura da professora foi extremamente errada, e ainda hoje vemos docentes com este pensamento e se sentido autoritários e detentores do saber. Como uma criança pode aprender algo

em um ambiente que sente medo e pavor? Como interagir com outras crianças se para ela, naquele momento, era a coisa errada?

A pesquisadora, no seu relacionamento com família, não tinha muita segurança em se expressar com os pais, por serem muito autoritários. Era muito tímida, quieta e isso se refletia dentro de sala de aula, pois se sentia um peixe fora d'água e não conseguia aprender, talvez por conta de sua mãe não ter identificado suas dificuldades, seja com observação ou com a ajuda de um profissional. O pai também, por conta do seu autoritarismo, a fazia sentir medo e pavor em falar algo ou questionar. Mas a forma em que os pais da pesquisadora a educava, era a forma que eles achavam à correta. Acreditamos que se um profissional estivesse à frente deste problema, a pesquisadora teria tido uma forma diferente de ver a vida, mas hoje, com uma maturidade já consegue entender a postura dos pais, e ela mesma teve que mudar e procurar a ajuda de um profissional. E foi assim que conseguiu ultrapassar as barreiras da baixa auto-estima, timidez, falta de confiança em si mesma. Foi assim que procurou quebrar a barreira e os obstáculos das dificuldades.

Pode-se verificar nesses exemplos a importância do professor e da família na vida de uma criança, se tornando necessário o olhar, a observação, porque um gesto mal interpretado pode ocasionar traumas bastante desastrosos para a vida do aluno. Muitas crianças com dificuldades são vistas como preguiçosas e que não têm interesse em aprender:

O psicopedagogo, profissional preparado, tem o papel de direcionar o professor e a família para uma postura de ajuda. Procurando identificar a melhor forma de solucionar o problema e procurando criar estratégias que irão ajudar o aluno a se posicionar de uma forma positiva perante a aprendizagem.

A criança com dificuldade, precisa se sentir segura no ambiente em que ocorre a aprendizagem, pois assim ela terá uma maior confiança em se expressar. A interação do professor, família e psicopedagogo, são relevantes e de grande valia para o processo de ensino/aprendizagem.

A formação continuada dos educadores é um ponto muito importante para que haja uma mudança proveitosa na nossa educação. A interação com a família e o apoio e intervenção dos psicopedagogos são essenciais, pois são profissionais preparados para lidar com este tipo de situação.

Um educador tradicionalista não será capaz de educar pessoas críticas, porque para isso é preciso que haja uma reflexão das coisas, das mudanças. Um professor que não procure se aperfeiçoar, não será capaz de direcionar e mediar o educando para uma postura positiva perante a sociedade. É necessário que haja uma mudança na metodologia tradicional, bancária, porque o aluno precisa falar, dialogar.

É importante que os professores procurem o melhor em termos de ensino, se interessem dos fatos referentes à sua área, reflitam sobre suas práticas e sobre o porquê dessa prática, se é feita com carinho, com vontade, com alegria e com compromisso e responsabilidade. Essa atitude poderá trazer um grande bem para todos os envolvidos com o processo pedagógico. Para ser professor é importante que tenha o desejo de ser, e não simplesmente uma circunstância que o levou a essa posição. Para ser professor é importante que primeiro se queira.

O profissional precisa se qualificar e procurar sair da postura de inércia tentando enxergar a sala de aula como um ambiente em que o aluno também possa se expressar e dar a sua opinião, não sendo um mero receptor de informações mas aquele que soma e que trás também algo em que será importante para todos.

Cabe ao professor e a família ficarem atentos ao desenvolvimento do aluno, procurando sempre observar e verificar se ele está conseguindo aprender de uma forma sadia e eficaz para o seu desenvolvimento.

Esse trabalho nos deu a oportunidade de verificar que a atuação do professor dentro de sala de aula e a falta de preparo em direcionar as crianças para uma autonomia positivamente estimulada, fortalecem mais as dificuldades dos alunos. Esses problemas ocorrem, por conta da metodologia e da dificuldade de trabalhar os limites e a relação com os alunos. Acreditamos que o ambiente alegre, onde se tenham

brincadeiras seja uma das metodologias que deveria estar inserida no ambiente escolar.

Enfim, o aluno não é uma folha em branco, mas um ser que já vem com experiências e conhecimentos que podem ser acrescidos com as informações de outros alunos. Não cabe somente ao professor ficar em sala de aula, à frente, em um patamar maior, como se fosse o detentor de todo o saber, mas como um mediador e facilitador de uma aprendizagem que favoreça a todos, e ser, principalmente, um observador para saber identificar aqueles que precisam de mais atenção. Um verdadeiro docente é o que se entrega a profissão, com amor e dedicação para que a nossa educação possa se transformar e ser vista como algo positivo e saudável para as nossas crianças.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, Doralice Veiga. **Psicopedagogia: Avaliação e Diagnóstico**. 1 Ed. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007

ANTUNES, Celso. **Professores e professauros: reflexões sobre a aula e prática pedagógica diversas**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BARBOSA, Rita de Cássia Martins. **Psicomotricidade, Jogos e Recreação**. 1 Ed. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2008

BOSSA, Nádia. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

\_\_\_\_\_. **Dificuldades de Aprendizagem: o que são e como tratá-las**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

BRASIL, Constituição Federal do, 1988.

DMITRUK (org), Hilda Beatriz. **Cadernos Metodológicos 1: diretrizes de metodologia científica**. 5ª Ed. Chapecó: Argos, 2001.

FERREIRA, Lúcia Gracia. **Dois Visões Psicopedagógicas sobre o Fracasso Escolar**. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, nº 77, São Paulo: ABPp, 2008. Disponível em <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/download/77.pdf>> Acesso em 25 jan. 2010

FONSECA, Vítor da. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2º Ed. Porto Alegre, Artmed, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FURTADO, Ana Maria Ribeiro, BORGES, Marizinha Coqueiro. **Módulo: Dificuldades de Aprendizagem**. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

GOMES, Claudia. **Estilos de Aprendizagem e Inclusão Escolar: Uma proposta de qualificação Educacional**. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, Artigo, nº 71, São Paulo: ABPp, 2006. Disponível em <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/download/71.pdf>> Acesso em 27 jan. 2010.

GUERRA, Leila Boni. **A criança com Dificuldades de Aprendizagem: Considerações sobre a teoria modos de fazer**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2002.

KAUARK, Fabiana da Silva. SILVA, Valéria Almeida dos Santos. **Dificuldades de Aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental e ações Psico e Pedagógicas**. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, nº 78, São Paulo: ABPp, 2008 Disponível em <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/download/78.pdf>> Acesso em 01 fev. 2010

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Piaget: notas para uma teoria construtivista da inteligência**. Artigo, 1997. Disponível em <HTTP://www.scielo.br>> Acesso em 22 jan. 2010

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: Coleção magistério, série formação do professor**. São Paulo: Cortez, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAN, José Manuel. **Por que as mudanças são tão lentas na educação? Texto complementar do livro: A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 3ª Ed. Campinas: Parirus, 2008. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/lentas.htm>> Acesso em 02 jan 2010

PAES Michele Fabiane A. S; SCICHITANO, Rosa Maria Junqueira. **20 Anos Depois: uma pesquisa sobre problema de aprendizagem na atualidade**. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, Artigo, nº 77, São Paulo: ABPp, 2008. Disponível em <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/download/77.pdf>> Acesso em 25 jan. 2010

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin: Educação e a complexidade do ser e do saber**. 5ª Ed. RJ: Vozes, 1995

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 11ª Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2001.

SANCHIS, Isabelle de Paiva; MAHFOUD, Miguel. **Interação e Construção: o sujeito e o conhecimento no construtivismo de Piaget**. Artigo, novembro/2007, Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.com.br/pdf/v12/m347195.pdf>> Acesso em 22 jan. 2010.

SILVA, Dener Luiz da. **Do gesto ao símbolo: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica**. Artigo, 2007, Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n30/a10n30.pdf> > Acesso em 09 abr 2010

VARANDA, Cristina de Andrade. PRUDÊNCIO; Érica Relvas. BIDÁ, Márcia Cristina Portella Rocha. **O Brincar e a Aprendizagem: Concepções de Professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental**. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, Artigo, nº 69, São Paulo: ABPp, 2005. Disponível em <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/download/69.pdf>> Acesso em 29 jan. 2010